

## COM A PALAVRA O CONSULENTE: A OPINIÃO DOS ALUNOS SOBRE OS DICIONÁRIOS DO PNLD

### THE WORDS OF CONSULTANT: VIEW OF STUDENTS ON THE DICTIONARY PNLD

Silmara Regina Colombo\*

**RESUMO:** Este artigo traz uma análise sobre como são vistos os dicionários distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático por quem os utiliza, ou seja, pelos alunos. Os acervos constituem-se de diferentes títulos de acordo com o série/ano a que se destinam. Para este estudo foram analisados os dicionários disponíveis no acervo do 5º ano do ensino fundamental, bem como acompanhado o manuseio dos mesmos por alunos de duas turmas de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo. Foi possível observar que o projeto gráfico e as ilustrações dessas obras interessam inicialmente aos alunos, mas o conteúdo com poucos verbetes, comparados aos minidicionários, torna-se um empecilho para sua utilização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dicionário; PNLD; Léxico; Ensino.

**ABSTRACT:** This article presents an analysis of how the dictionaries distributed by the National Textbook Program (PNLD, in the Portuguese acronym) are seen by their users, ie by students. The collections are made up of different titles according to the grade / year to which they are designed for. The study analyzed the dictionaries available in the collection for the 5th year of elementary school as well as how students from two classes at a public school in the state of São Paulo handled the dictionaries. It was observed that the graphic design and illustrations of these materials were at first popular among students, but the content with few entries, compared to mini dictionaries become an obstacle to their use.

**KEYWORDS:** Dictionary; PNLD; Lexicon; Education.

---

\* Mestranda em Educação pela USP-Ribeirão Preto. Especialista em Ética, Valores e Cidadania na Escola pela Univesp, pelo USP\_Ribeirão Preto e em Língua Portuguesa Redação e Oratória pelo Centro Universitário Barão de Mauá. E-mail: silmaracolombo@live.com

## INTRODUÇÃO

Por mais que as concepções sobre o ensino da linguagem se afastem de um consenso entre linguistas e gramáticos, há um ponto em que não há divergências: todos concordam com a importância dos dicionários como apoio à aprendizagem tanto de língua materna quanto estrangeira. O Ministério da Educação e Cultura (MEC) distribui dicionários monolíngues de Língua Portuguesa às escolas públicas desde 2001, dentro do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

Segundo Humblé (2011), pela quantidade de títulos publicados e o número de vendas, principalmente alavancadas pelo PNLD, os dicionários encontram-se entre os livros de maior sucesso no país, o que coloca o Brasil em uma posição privilegiada, de maneira global, na tradição lexicográfica. O autor destaca ainda que, embora nos pareça corriqueiro, existirem quatro dicionários monolíngues de grande porte não é tão comum assim, não acontece, por exemplo, nos países europeus. Nossos quatro dicionários gerais são o *Aurélio*, o *Caldas Aulete*, o *Michaellis* e o *Houaiss*.

Porém, há de se pensar que a mesma diversidade de opções que enriquece as prateleiras das livrarias também pode causar dúvidas sobre o dicionário mais adequado em cada situação e para cada público específico. No PNLD, a seleção das obras enviadas às escolas pauta-se por parâmetros norteadores que buscam a partir de uma avaliação criteriosa identificar as obras mais adequadas para atender às demandas específicas de ensino-aprendizagem de professores e alunos (RANGEL, 2006).

A definição de tais critérios é apresentada ao professor por meio do guia *Dicionários em Sala de Aula*, que traz também sugestões de atividades. Para os especialistas nos estudos lexicográficos, essa publicação, que acompanha o acervo de dicionários, é de grande importância para auxiliar o professor no desenvolvimento de atividades mais produtivas em sala de aula, bem como a variedade de títulos que compõem atualmente o acervo é uma vantagem sobre o título único que compunha as primeiras edições do PNLD Dicionários.

Já Possenti (2012) coloca em dúvida a eficácia dos dicionários infantis e sugere que se compare o mesmo verbete em um dicionário completo para que se entenda o equívoco de fazer a criança acreditar que a palavra tem apenas um ou dois sentidos. E o que dizem os professores? Isso não será aqui debatido, pois o que se pretende com esse artigo não é um confronto entre teoria e prática e sim demonstrar como esses dicionários são recebidos e utilizados pelos alunos que formam o público consulente a quem se direcionam.

Para dar voz ao que pensa o corpo discente foram acompanhadas, durante o primeiro semestre de 2014, duas turmas de 5º ano do ensino fundamental (EF) de uma escola pública do interior do Estado de São Paulo e registradas suas principais opiniões sobre o acervo de dicionários disponível em sala de aula.

Antes de chegar à opinião dos alunos como consumidores finais, o artigo apresenta um histórico cronológico do *PNLD Dicionários*, a proposição de uma atividade prática realizada com o Hino Nacional Bra-

sileiro e a análise dos especialistas sobre o programa.

#### BREVE HISTÓRICO DO PNLD DICIONÁRIOS

O PNLD foi criado em 1985, pelo MEC, com o objetivo de adquirir e distribuir de forma gratuita livros didáticos para as escolas públicas brasileiras. A iniciativa abrangiu primeiramente o ensino fundamental e foi se estendendo gradualmente aos alunos do ensino médio (EM) e a todos os componentes curriculares que atualmente são atendidos pelo programa (BATISTA, 2013).

A inclusão de dicionários no PNLD aconteceu a partir de 2001, com a distribuição de um minidicionário por aluno do ensino fundamental. Inicialmente as obras inscritas para a escolha feita nas escolas deveriam corresponder ao que hoje é classificado no PNLD como dicionários do Tipo 3, cujo número de verbetes deve estar compreendido entre o mínimo de 19.000 e o máximo de 35.000. Entre as opções aprovadas para a escolha nas primeiras edições do programa destacou-se o *Mini Aurélio Século XXI Escolar* (FERREIRA, 2001), o único classificado no *Guia de Livros Didáticos* como ‘recomendado com distinção’ por apresentar, entre outras características “linguagem simples e precisa”, “boa seleção vocabular”, e também porque na obra “não se notam preconceitos” (ROSA, 2003, p.35).

A categoria dos livros ‘recomendados com distinção’ inclui aqueles que se destacam “por apresentar propostas pedagógicas elogiáveis, criativas e instigantes, de acordo com o ideal representado pelos princípios e critérios adotados nas avaliações pedagó-

gicas” (BATISTA, 2013, p.33). Assim, o *Mini Aurélio*, com cerca de 30.000 verbetes, foi adotado pela grande maioria das escolas públicas brasileiras guiadas pela classificação que a obra recebeu no *Guia* e passou a ser sinônimo de dicionário escolar.

Para Krieger (2006), o dicionário é um lugar privilegiado de lições sobre a língua e esse entendimento foi determinante para que tais obras fossem incluídas no PNLD, abrangendo nas políticas públicas o plano da lexicografia direcionada para a escola. Ainda de acordo com a autora, a edição do *PNLD Dicionários* de 2006 trouxe um avanço considerável no plano lexicográfico ao adotar novas diretrizes para o processo de seleção e aquisição de dicionários e incluir o manual didático *Dicionários em sala de aula*, com atividades elaboradas pelos professores Egon Rangel e Marcos Bagno.

A reformulação do *PNLD Dicionários* 2006, em relação às edições anteriores, refere-se à prioridade dada para a utilização desse material em sala de aula, substituindo a distribuição de um dicionário por aluno pela adoção de acervos lexicográficos com obras adaptadas ao nível de ensino do aluno, que foram classificadas como: tipo 1 - com 1 mil a 3 mil verbetes, para as três séries iniciais do ensino fundamental (EF); tipo 2 - com 3,5 mil a 10 mil verbetes, direcionados aos alunos das duas séries finais do Ciclo I (hoje, 4º e 5º anos); tipo 3 - com 19 mil a 35 mil verbetes, direcionados para alunos do segundo segmento do ensino fundamental, ou Ciclo II (RANGEL, 2006).

Os acervos denominados de A, B e C, que já chegaram prontos às escolas, eram

compostos respectivamente por 7, 9 e 6 títulos, de editoras diferentes. Segundo Krieger (2006, p.238), “não há uma categoria específica de dicionário escolar, mas dicionários adequados para a escola” e ampliar o quadro tipológico de obras disponíveis aos alunos reverteu a ideia absoluta dos minidicionários como única opção de dicionário escolar.

Ao que concerne aos alunos do 5º ano do ensino fundamental, vale lembrar que os dicionários a eles direcionados (Tipo 2) tiveram uma redução do mínimo de 19.000 verbetes (*PNLD Dicionários 2001*) para o máximo de 10.000 verbetes (*PNLD Dicionários 2006*). Considerando as escolas que haviam adotado o *Mini Aurélio*, com aproximadamente 30.000 verbetes, a perda foi de 20.000 verbetes para consulta com o novo acervo recebido.

No *PNLD Dicionários 2012* houve uma nova reformulação dos acervos, agora divididos em quatro categorias: tipo 1 – de 500 a 1000 verbetes - para o 1º ano do EF; tipo 2 – de 3000 a 15000 - para o período entre o 2º e o 5º ano do EF; tipo 3 – 19.000 a 35.000 - para o segundo segmento do EF; tipo 4 – 40.000 a 100.000 - para o EM.

O acervo disponível para o 5º ano EF constitui-se de sete títulos, a maioria ilustrada, que apresentam entre 5.400 verbetes e 14.790. Como no *PNLD Dicionários 2006*, cada cervo de dicionários vem acompanhado do guia *Dicionários em sala de aula* (RANGEL, 2012) com descrição das obras selecionadas, critérios de seleção, orientações aos professores e sugestões de atividades a serem desenvolvidas em sala de aula. Há poucas alterações no *Guia* das edições de 2006 e 2012, a não ser pelas adequações referentes

às obras apresentadas, incluindo os dicionários para o ensino médio, e o acréscimo de um capítulo sobre o Novo Acordo Ortográfico e suas principais regras.

Assim, considera-se que a escolha de tais dicionários com finalidades didáticas não foi aleatória, muito pelo contrário, para Krieger (2006) a proposta buscou oferecer material adequado ao nível de aprendizagem dos estudantes tendo como princípio norteador parâmetros pedagógicos para a seleção e aquisição desses dicionários. No entanto ainda suscitam questionamentos se tais títulos, com reduzido número de verbetes, atendem às demandas do público a que se direcionam. Que palavras registram? Que palavras excluem?

Na tentativa de elucidar tais questões, exemplificando a prática de utilização dos dicionários no cotidiano escolar, é que o acompanhamento de alunos do 5º ano do EF, bem como a proposta de uma atividade com o Hino Nacional Brasileiro passam a ser descritos e analisados.

#### HINO NACIONAL BRASILEIRO

Sem dúvida o Hino Nacional Brasileiro é um bom exemplo de texto para se lembrar de uma consulta ao dicionário. Além do vocabulário difícil, a letra tem seu entendimento dificultado pelas inversões sintáticas e figuras de linguagem.

Em 2010, uma pesquisa<sup>1</sup> integrante do Projeto Brasilidade, revelou que apenas

<sup>1</sup> <http://noticias.terra.com.br/brasil/pesquisa-584-dos-brasileiros-nao-sabem-cantar-o-hino-nacional,057b4bc92690b310VgnCLD200000bbeboarCRD.html>. Acesso em 19 jun. 2014.

21,7% dos brasileiros entrevistados declararam conhecer a letra completa do Hino. Para aumentar a afinidade dos brasileiros com um de seus símbolos nacionais, desde setembro de 2009, pela Lei n. 12.031/09<sup>2</sup>, tornou-se obrigatória a execução do Hino Nacional, uma vez por semana, em todos os estabelecimentos públicos e privados de ensino fundamental. Ou seja, a escola é oficialmente o lugar onde os brasileiros, alunos do 1º ao 9º ano do EF, deverão aprender a cantar o Hino.

Entretanto, não se trata apenas de uma determinação legal ou de um conteúdo obrigatório do letramento escolar, saber cantar o Hino tem também sua função social que ultrapassa os muros da escola. De acordo com estatísticas do *Google*<sup>3</sup>, nas vésperas da Copa do Mundo do Brasil, a pergunta mais comum feita pelos usuários do país foi “Qual é a letra do Hino Nacional Brasileiro?”, provavelmente em resposta aos jogadores da Seleção Brasileira de Futebol que pediram publicamente que a torcida cantasse com eles em cada início de partida.

Seja pela obrigatoriedade imposta por lei ou pelo interesse dos próprios alunos em atender a seus ídolos esportivos, aprender a cantar o Hino com compreensão torna-se uma demanda do corpo discente e para atendê-la o auxílio de um dicionário é imprescindível.

#### O QUE DIZ O GUIA *DICIONÁRIOS EM SALA DE AULA*

As atividades propostas pelo guia *Dicionário em Sala de Aula* são mais voltadas para alunos do segundo segmento do EF, podendo ser adaptadas aos dois últimos anos do primeiro segmento - 4º e 5º anos. Tais atividades atendem a diferentes objetivos que o professor poderá selecionar, adaptar e complementar de acordo com os conteúdos curriculares visados (RANGEL, 2012).

Não há no guia, entre as quinze atividades sugeridas para o EF, nenhuma específica sobre o entendimento do Hino Nacional Brasileiro, porém, a conjugação entre os objetivos e orientações torna possível a adaptação recomendada pelos autores. Assim, utilizar o dicionário como auxílio ao entendimento do Hino, está de acordo com o guia *Dicionários na sala de aula* (RANGEL, 2012), entre outros itens, pois:

- Parte de uma situação cotidiana em que o domínio da língua é decisivo para a eficácia da ação (p.14);
- Esclarece o significado de termos desconhecidos (p.16);
- Possibilita que se ensine a consulta aos verbetes (p.38);
- Não se reduz a exercícios descontextualizados (p.45);
- Constitui-se em demanda própria de uma prática letrada (p.45);
- Articula-se com conteúdos curriculares (p.56).

<sup>2</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L12031.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L12031.htm) Acesso em 19 de jun. 2014.

<sup>3</sup> <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/antes-da-copa-brasileiros-pesquisam-letra-do-hino-nacional-no-google> Acesso em 19 de jun. 2014.

Considerando-se que os acervos são compostos por títulos diferentes, uma das orientações do Guia é quanto à verificação antecipada por parte do professor de que todas as palavras a serem pesquisadas pelos alunos constem dos dicionários. O acervo

do 5º ano (Tipo 2) possui sete obras que variam entre 5400 e 14.790 verbetes. A tabela a seguir traz dez palavras do Hino Nacional Brasileiro pesquisadas nos dicionários do acervo, que foram enumerados de 1 a 7:

**Tabela 1** – Verbetes encontrados nos dicionários

Verbetes	Dicionários							Total
	1 5.400*	2 6.183*	3 10.243*	4 5.900*	5 14.790*	6 7.456*	7 7.040*	
Brado ( <i>ar</i> )	-	-	x	-	x	x	-	3
Flâmula	-	x	-	-	x	-	x	3
Fúlgido(s)	-	-	x	-	x	-	-	2
Fulguras ( <i>ar</i> )	-	-	-	-	x	-	-	1
Garrida ( <i>o</i> )	-	-	-	-	x	-	-	1
Impávido	-	x	x	-	x	-	-	3
Lábaro	-	-	x	-	x	-	-	2
Penhor ( <i>ar</i> )	-	-	-	-	x	-	-	1
Plácida ( <i>s</i> )	-	-	-	-	x	-	-	1
Retumbante	-	x	x	-	-	-	-	2
Total	0	3	5	0	9	1	1	

\*Nº de verbetes por dicionário do acervo.

O que se observa na tabela, é que essa atividade tão corriqueira e própria do ambiente escolar foi inviabilizada, pois em nenhum dos dicionários do acervo da classe os alunos encontrariam as dez palavras mais desconhecidas do Hino Nacional. Em duas dessas obras (nº1 e nº4) nenhuma das palavras consta e em outras duas (nº6 e nº7) apenas uma delas. O dicionário de nº 5 é o que apresenta mais palavras do Hino: nove; a seguir, o dicionário nº3 apresenta apenas cinco das palavras pesquisadas.

É impossível que um dicionário traga todas as palavras de uma língua viva, em constante modificação, porém, não há explicação para que um dicionário de uso escolar não apresente verbetes como “fúlgido, garrido e lábaro”, que dificilmente serão compreendidos sem a consulta lexical e, menos ainda, pelo contexto do Hino Nacional, para privilegiar em suas reduzidas entradas palavras como *copo*, *faca* e *limão* que, mesmo para leitores e escritores iniciantes, não oferecem dúvidas quanto à grafia, não

possuem acento gráfico e são próprias do vocabulário ativo desses alunos. Em que contextos essas palavras levariam a uma consulta ao dicionário?

De acordo com o Guia, a qualidade e a adequação dos dicionários “dependem do quanto estejam afinados aos objetivos e ao público do Ensino Fundamental e, portanto, aos seus alunos e professores” (RANGEL, 2006, p.28). Ao que parece, essa afinação carece de ajustes, já que com os atuais dicionários é impossível realizar uma atividade tão própria do contexto escolar como uma pesquisa sobre as palavras do Hino Nacional.

Aqui não será analisado se os dicionários estão ajustados aos objetivos dos professores, mas vale lembrar o que destaca Batista (2013, p.50) sobre a “existência de um descompasso entre as expectativas dos professores” e do PNLD sobre o que seja um livro didático adequado às práticas de sala de aula.

#### COM A PALAVRA, OS ESPECIALISTAS

“O MEC avaliou e selecionou, para as nossas escolas públicas, dicionários o mais adequados possível ao uso escolar” (RANGEL, 2012, p.18). “Todos passaram por um rigoroso processo de avaliação, porém não são semelhantes, a forma como cada obra contribui para o processo de letramento e de alfabetização do aluno é diferente” (RANGEL, 2006, p.31).

De acordo com o Guia, esses dicionários diferem não só na quantidade de verbetes que apresentam, mas também no tipo

de palavras que registram, na forma de explicar seus sentidos e na estrutura que visa facilitar o manejo. Por suas características, “todos esses títulos demandam a mediação do professor” (RANGEL, 2012, p.32).

Para Krieger (2006), entre as diretrizes que aperfeiçoaram o *PNLD Dicionários 2006*, destaca-se o Guia redigido em linguagem simplificada para auxiliar os docentes, que na quase totalidade não possuem formação em lexicografia, a compreenderem que os dicionários não são todos iguais. Tal reconhecimento exigirá uma análise mais detalhada das obras para que seja possível lidar com as diferenças e explorá-las produtivamente. Os subsídios teóricos e metodológicos oferecidos aos docentes visam facilitar o trabalho com os dicionários do acervo para que se avance nas possibilidades exploratórias.

Rangel (2012) ressalta que o aluno precisa compreender que nem sempre os dicionários trazem a palavra procurada, pois nenhum será capaz de abranger tudo que existe na língua. Humblé (2011) explica que o fato dos dicionários infantis apresentarem poucas palavras desconhecidas pelas crianças é uma indicação de que seu propósito principal não é esclarecer significados e sim simbolizar a intenção dos governantes de melhorar a qualidade do ensino. O autor ainda ressalta que é uma exclusividade do Brasil a distribuição desses dicionários nas escolas.

Seja como for, o que não se pode perder de vista é que, ao final de suas experiências com dicionários, os alunos devem ser capazes de

reconhecer semelhanças e diferenças entre dicionários de um mesmo tipo e de tipos diferentes. Devem, ainda, sair do primeiro segmento do ensino fundamental familiarizado com dicionários escolares de língua portuguesa e em *condições de aprender*, ao longo do ensino médio, tanto a manusear obras do Tipo 3 e 4 com desembaraço quanto a entender e utilizar as informações disponíveis em seus verbetes (RANGEL, 2012, p.31).

#### COM A PALAVRA, OS ALUNOS

Em sala de aula, o acervo com sete títulos deve atender a até trinta alunos por turma do 5º ano do EF; para que seja possível desenvolver as atividades com todos, a orientação é pegar emprestado o acervo de outra sala, o que permite aos alunos trabalharem em duplas, mas limita o acesso livre impossibilitando que os dicionários possam ser manuseados a qualquer momento da aula, de acordo com a necessidade do aluno.

Inicialmente, por serem ilustrados e com projetos gráficos atraentes, os dicionários atraem a atenção do aluno para explorá-los, no entanto, quando buscam pelo significado de uma palavra, os alunos começam a perceber que na maioria das vezes é preciso consultar vários dicionários disponíveis até localizarem o que procuram.

Como ainda não dominam totalmente a ordem alfabética e/ou não estão absolutamente seguros quanto a esse domínio, os alunos insistem na busca por palavras que muitas vezes os dicionários do acervo não

registram, ocasionando uma grande perda de tempo gerada pela dúvida sobre a ausência da palavra ou a dificuldade em encontrá-la. O próprio guia destaca que, para muitos falantes, “as palavras que não estão registradas nos melhores dicionários, simplesmente ‘não existem’” (RANGEL, 2012, p.40).

Essa desorientação sobre a existência ou não da palavra no dicionário e o limitado volume disponível são queixas constantes dos alunos que, sempre que possível, preferem trazer seu dicionário de casa. A opção é sempre pelos minidicionários, alguns são novos, já com as alterações do Acordo Ortográfico, mas a maioria que chega à sala de aula no material escolar individual são os *Mini Aurélio Século XXI Escolar* (FERREIRA, 2001) distribuídos nas primeiras edições do *PNLD Dicionários*. Esses livros pertenceram aos irmãos mais velhos, tios e/ou outros parentes e quando são encontrados acabam por substituir os títulos do acervo.

É frequente que os alunos que não possuem seu próprio dicionário aguardem o empréstimo do colega mesmo que haja dicionários do acervo disponíveis. Questionados a esse respeito a resposta não varia muito: “Quero um dicionário velho, que tem tudo”.

Parodiando Drummond, caso no meio do caminho não tivesse um Acordo Ortográfico, a situação não traria nenhum tipo de restrição, pelo contrário, serviria para que o dicionário fosse valorizado no acervo particular de cada aluno. Entretanto as alterações na acentuação gráfica e na utilização do hífen exigem a atenção constante do professor para o momento em que tais palavras

surjam em sala de aula. Além disso, obriga a trazer à tona o tema do Acordo Ortográfico de 2008 com estudantes que já aprenderam a ler e escrever utilizando as novas grafias, pois ingressaram no ensino fundamental em 2010.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em primeiro lugar é preciso destacar a qualidade do guia *Dicionários em sala de aula*, que atinge seu objetivo de oferecer suporte teórico e prático para a utilização do acervo de dicionários do PNL D. As atividades sugeridas conduzem para além do tradicional uso do dicionário para tirar dúvidas de ortografia e buscar significados desconhecidos. No entanto, ir além não significa que é possível descartá-las, em muitos momentos do contexto escolar, em diversos conteúdos curriculares, o aluno irá se deparar com termos desconhecidos e recorrerá ao dicionário para esclarecê-los. O que se espera de um dicionário que atenda à demanda escolar é que traga palavras úteis ao público a que se destina.

É óbvio que não há como prever todos os interesses dos consulentes, porém, se a seleção dos acervos leva em conta os diferentes níveis de letramento, fica mais fácil antecipar os temas mais frequentes de cada ano. No caso do Hino Nacional Brasileiro, tomado como exemplo, os dicionários disponíveis não atendem à demanda de se ensinar o Hino nas escolas de ensino fundamental como determina a Lei 12.031/09.

A proposta de se trabalhar com vários tipos de dicionários em sala de aula pode ser

válida, mas não produziu os efeitos esperados. A necessidade de mediação constante do professor não favorece a autonomia do aluno que no 5º ano sente-se mais independente das orientações do que de fato é. Assim, a preferência pelos próprios minidicionários ao acervo da sala de aula reflete sua vontade de 'fazer sozinho' e mostrar que é capaz.

Em tempo: nos antigos *Mini Aurélio* os alunos encontraram todas as palavras desconhecidas do Hino Nacional Brasileiro.

#### REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. A. G. A avaliação dos livros didáticos: para entender o programa nacional do livro didático (PNLD). In: ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (orgs.). **Livro didático de língua Portuguesa, letramento e cultura da escrita**. Campinas: Mercado das Letras, 2ª reimpressão, 2013.
- FERREIRA, A. B. de H. **Mini Aurélio Século XXI**: o minidicionário da língua portuguesa. 5 ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- KRIEGER, M. da G. **Políticas públicas e dicionários para escola**: o programa nacional do livro didático e seu impacto sobre a lexicografia didática. Cadernos de Tradução, v.2, n.18. Santa Catarina: UFSC, 2006.
- POSSENTI, S. A reinvenção do dicionário mirim. **Revista Língua Portuguesa**, n. 83, São Paulo: Segmento, 2012.
- RANGEL, E. de O. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Com direito à palavra**: dicionários em sala de aula. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

ROSA, M. C. P. (org.). **Guia de livros didáticos** - volume 4: dicionários: PNLD 2004. Brasília: SEF/MEC, 2003.

HUMBLÉ, P. R. M. Um começo de conversa. In: XATARA, Cláudia; BEVILACQUA, C. R.; HUMBLÉ, P. R. M. (org). **Dicionários na teoria e na prática: como e para quem são feitos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

Recebido para publicação em 29 de Dez. 2014

Aceito para publicação em 06 de Fev. 2015.